

# 'Históricos' se reúnem para anular influência do Centrão

Fotos Moreira Mariz

Janio de Freitas

## A construção do temor

Como se não bastasse o insuperável problema da lerdeza na Constituinte, desde 25 de novembro empacada na tal reforma do regimento interno, aprofunda-se entre os constituintes mais responsáveis a inquietação com a probabilidade, cada vez mais nítida, de que a nova Constituição resulte em enorme decepção para a grande maioria brasileira, com efeitos que não se tenta prever, mas de segura gravidade.

Está nesta preocupação a origem de uma espécie de acordo tácito entre numerosos constituintes, pelo qual procuram, de público, manter vivas as esperanças de certos avanços da futura Constituição, embora na intimidade suas próprias esperanças se mostrem a nível zero ou quase.

A recente formação do Grupo do Entendimento, que já conta com 82 adesões firmes e espera mais 20 a 30, deve-se, muito mais do que ao aparente propósito de funcionar como algodão entre os dois grandes conjuntos divergentes, à tentativa de impedir recuo excessivo, imposto pelo predomínio do Centrão no plenário, nos capítulos da ordem social e da ordem econômica elaborados pela Comissão de Sistematização.

Neste sentido, o deputado Joaquim Francisco está fazendo, para o Grupo de Entendimento, um comparativo de oito constituições de países como Alemanha, França, Japão, Itália, para que se verifique como cada um deles tratou os pontos considerados polêmicos no projeto elaborado pela Sistematização. Os ataques a propostas como demissão imotivada, 120 dias de licença para parturientes, remuneração das horas extras e horas semanais de trabalho, entre outras, têm sido apenas genéricos e retóricos. Não se ocupam de demonstrar a veracidade de afirmações, tão contundentes quanto repetidas, do gênero "isto vai acabar com as

empresas", "aquilo inviabiliza os investimentos" e outras que tais. A finalidade do levantamento comparativo, como a do próprio Grupo de Entendimento, não é a de defender a substância das propostas polêmicas da Sistematização, mas a de confrontar alegações aqui feitas com as soluções constitucionais de países bem sucedidos social e economicamente. E, a partir disto, o Grupo definiria suas posições.

Esta definição não implicará, em princípio, a apresentação de emendas próprias. Há emendas para todos os gostos, já apresentadas. O Grupo daria sua adesão à que mais se aproximasse de suas conclusões em cada caso, com ampla possibilidade, se ultrapassar o número de cem integrantes, de determinar o resultado da votação em plenário ou forçar acordos menos desfavoráveis ao avanço da nova Constituição. Sempre que necessário, será apoiado apenas o princípio constitucional, ficando o detalhamento para a legislação ordinária, a ser decidida não mais pela Constituinte, porém pelo Congresso.

Os mesmos temores que estão na origem mais profunda do Grupo de Entendimento estão presentes, também, no Grupo dos 32, aquele coordenado pelo senador José Richa, e no nascente movimento dos peemedebistas autênticos para apresentar emendas em nome do próprio partido, deixando aos peemedebistas do Centrão as hipóteses de a elas aderir ou caracterizarem-se como antipartidários.

Tantos e tão fundados temores, se não valerem ainda como condenação da Constituinte, ao fim destes seus onze meses significam, pelo menos, que não há mais motivo para manter vivas quaisquer esperanças. Vivos, só os temores. Ou a antevisão da conseqüências.

Das Sucursais de Brasília e de Recife

Sem a presença do deputado Ulysses Guimarães, cerca de vinte a 25 líderes "históricos" do PMDB começam hoje uma tentativa de reação à influência dos peemedebistas do grupo suprapartidário Centrão na vida do partido. A reunião, às 11h, na Comissão de Justiça do Senado, "será para fortalecimento da corrente programática e autêntica do partido", disse ontem o ex-governador paulista Franco Montoro. O encontro de hoje, bem como toda a movimentação dos "históricos", não tem agradado ao deputado Ulysses Guimarães, presidente do PMDB, da Câmara e do Congresso constituinte.

"Não podemos servir a dois senhores ao mesmo tempo", disse Ulysses, ao comentar que os líderes do partido devem deixar de lado a luta interna, por hora, e concentrar atenções na nova Constituição.

Estarão hoje na Comissão de Justiça do Senado os senadores Fernando Henrique Cardoso (SP), Mário Covas (SP), José Fogaça (RS), Severo Gomes (SP) e José Richa (PR), o deputado José Serra (SP), Franco Montoro e parlamentares do Movimento de Unidade Progressista (MUP), a ala esquerda do partido. A reunião deverá marcar possivelmente para dia 9 de janeiro um novo e mais amplo encontro de todas as lideranças do campo "progressista" do partido.

## Governadores não apóiam proposta de ruptura

Das Sucursais

Em resposta à afirmação do senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB), dada anteontem à Folha, em que defendeu uma ruptura formal com o governo Sarney ou a saída dos "peemedebistas históricos" do partido caso não se concretize o rompimento, o governador do Rio Grande



O deputado Ulysses Guimarães leva a mão à cabeça (na seqüência), durante seminário sobre dívida externa, no Congresso



Será lido hoje um documento lembrando sua trajetória de "resistência na luta democrática" e defendendo a permanência no partido do bloco "progressista". O encontro dos "históricos", inicialmente marcado para o dia 21, precipitou-se por duas razões: tentar conter a evasão de filiados e parlamentares da esquerda do partido —que já começou— e articular para o começo de 1988 uma tentativa de "resgate" do partido da influência do Centrão. "A palavra de ordem dos históricos, dos progressistas e dos radicais do PMDB é aprofundar a crise interna e levar esta questão às suas últimas conse-

quências", reagiu o senador José Fogaça (PMDB-RS).

A convenção extraordinária, que vários líderes do partido defendem, não é uma questão pacífica mesmo entre os "históricos". Ontem, o senador Severo Gomes (PMDB-SP) defendeu a convenção para janeiro "para definir a ação do partido, que hoje está descaracterizado". O senador Mário Covas, que em julho forçou a realização de uma convenção semelhante, sem resultados práticos, disse que "neste instante, não sou favorável a uma convenção". Montoro acrescentou que "não se cogita nisso por enquanto".

Há duas semanas, o governador de Pernambuco, Miguel Arraes (PMDB), conversou por telefone com o deputado Ulysses Guimarães, a quem solicitou a convocação de convenção extraordinária do partido para o início do próximo ano, sob o argumento de que a convenção deveria discutir um programa básico de governo a ser adotado pelo futuro candidato do PMDB à Presidência da República. Com este argumento, Arraes tentou dar início a uma mobilização pela convenção, como forma de forçar os membros do PMDB que integram o Centrão a seguirem as diretrizes partidárias.

do Sul, Pedro Simon (PMDB), 57, disse que "o texto constitucional é mais importante que o PMDB, que o governo Sarney, é mil vezes mais importante que o governo Simon".

O governador do Paraná, Alvaro Dias (PMDB), 43, disse que "a missão de um partido não é só fazer oposição. Também é ser governo, e o PMDB assumiu o governo e tem

responsabilidades diante da população brasileira". O governador de Minas Gerais, Newton Cardoso (PMDB), 49, afirmou que "a proposta de rompimento é um desatino, até porque a maioria do PMDB foi eleita graças ao apoio do presidente Sarney nas últimas eleições". Hélio Gueiros (PMDB), 62, governador do Pará, disse que "Fernando Henrique Car-

doso é um homem e um sociólogo brilhante, mas seu forte não é a política. Aliás, ele é como malária: vai e vem, ou seja, às vezes está com o presidente Sarney e às vezes não. O governador do Maranhão, Epitácio Cafeteira (PMDB), 63, também discordou de Fernando Henrique: "Não importa quem rompa, reitero minha solidariedade ao presidente Sarney".